

Entre o ser e o pare(s)er: uma saída para o feminino

Ana Stela Sande

A questão do feminino, para a psicanálise, se baseia na simbolização da presença/ausência que marca a diferença anatômica entre os sexos. Esta simbolização se dá de forma normativa no momento estrutural do Édipo.

O complexo de Édipo, operação simbólica por excelência, marca a introdução da função paterna como a que vai interditar o gozo incestuoso da criança na sua relação com a mãe. O pai, suporte da lei, surge como uma ameaça, um obstáculo. Por ter esse poder passa a ser admirado e amado, numa posição dialética que possibilita a identificação. Para chegar a esse ponto, a criança precisa assumir que a mãe não tem o falo, que o pai a privou, e ocupar esse lugar.

A metáfora paterna leva a identificação ao pai, entretanto é necessário que ele dê provas de possuir o falo e mantenha sua promessa para que o filho possa se perguntar sobre o objeto causa de desejo da mãe e abra mão de ocupar o lugar de objeto de gozo. A saída edípica passa pela escolha entre ter ou ser o significante fálico ou sua negação.

Acreditando que o pai tem o falo, o menino poderá, quando chegar a sua vez, identificar-se ao pai possuindo o valioso objeto. Para a menina o desfecho é diferente. Em função da diferença anatômica, a simbolização fálica e a identificação passam pela ausência. A menina não tem o falo, mas descobre que pode ser objeto causa de desejo, assumindo assim, o semblante de objeto, como solução para a identificação pela falta. O resultado da saída edípica pela identificação ao falo enquanto ausente aponta para uma relação com a castração diferente nas mulheres, aproximando-as do real. Esta aproximação, entretanto não é sem consequências, levando às mulheres buscar uma forma específica de se utilizar dos semblantes, através de máscaras.

Desta forma, uma mulher pode encontrar inúmeras soluções para subjetivar esse nada, dando sentido ao que Miller chamou de “ser de nada”. Ter um filho é uma solução próxima da posição fálica e foi defendida por Freud como a única possível para as mulheres. Outra solução conhecida e largamente encontrada na clínica, aponta para o que Miller¹ chamou de falta de identidade, levando muitas vezes, a mulher a encarnar o que falta ao Outro e experimentar o gozo ilimitado na devastação. Enquanto ser mãe se apresenta como uma saída do lado do ter, a devastação coloca uma mulher identificada ao “ser de nada”. Tanto uma como outra solução estão em referência ao falo, seja como presença (ter um filho) ou como ausência (ser o que falta ao Outro), soluções características da histeria, na medida em que reforça a posição masculina para desbanca-la.

Ao se afastar dessa referência ao falo, a mulher causa horror e espanto tendo seu ponto máximo de loucura no que Lacan apontou como “verdadeira mulher”. No ato de surgimento de uma “verdadeira mulher”, o sujeito assume seu ser de nada, abrindo mão do objeto fálico. Como metáfora do que seria uma “verdadeira mulher” Lacan se utiliza do mito de Medeia, que ao matar os filhos abre um buraco impossível de ser preenchido, se colocando subjetivamente distante da posição de mãe².

Para sair da lógica fálica e encontrar uma solução que possa ir em outra direção é necessário que o sujeito consinta com a castração, deslocando o falo da função significante para a função de semblante. Consentir com a castração é consentir com a impossibilidade do encontro com o objeto perdido que na verdade nunca existiu. O que existe é o gozo enquanto acontecimento de corpo que

1 Jacques Allain Miller – Mulheres e Semblantes, in O feminino que acontece no corpo. A prática da psicanálise nos confins do simbólico, 2012, Org. Heloisa Caldas, Alberto Murta e Claudia Murta. Ed. Scriptum

2 idem

escapa a simbolização e “tem afinidade com o infinito”³. Na função de semblante, o falo faz borda a esse gozo *nãotodo* que aponta para o vazio. Assim, pode fazer uso do falo como semblante de nada, passando a gozar, da função de véu do falo⁴, deixando o sujeito livre para escolher, a cada vez, uma aparência para seu ser, inventando seu *pare(s)er* .

3 Holck, Ana Lucia Lutterbach – As Mulheres não contam, in idem

4 Santiago, Ana Lydia – A alteridade do falo no corpo feminino, in idem